

## ■ OPINIÃO

# Eficiência e austeridade financeira

Lúcio Alcântara\*

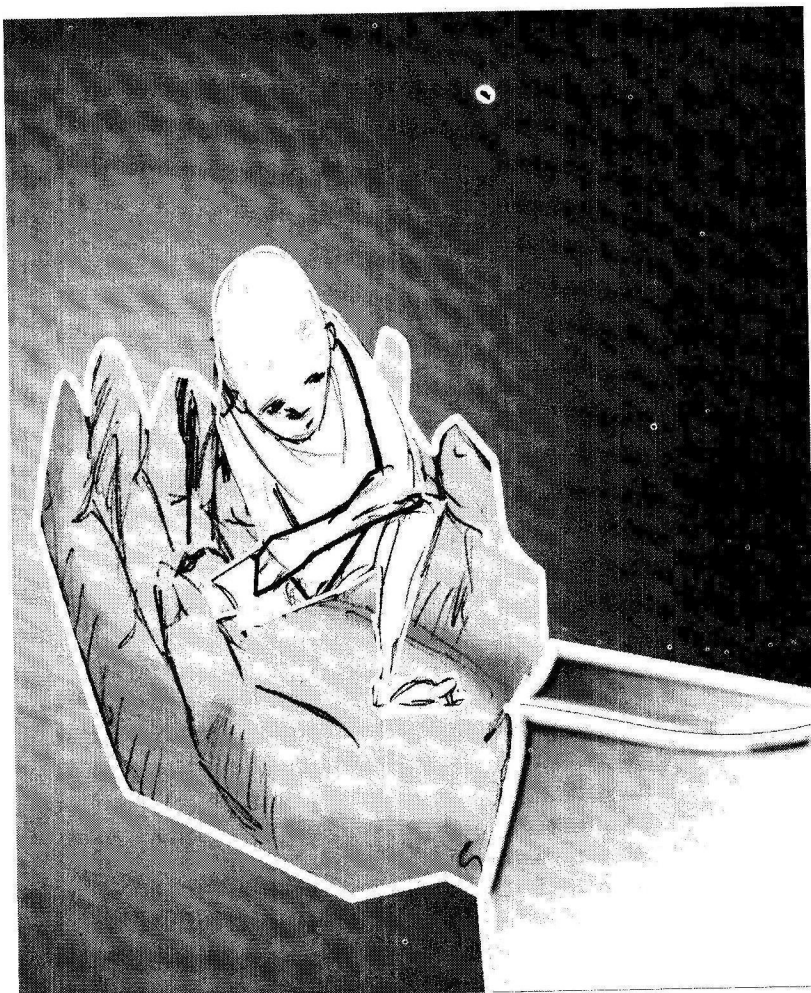
**O** milênio começou para as crianças do mundo com o horizonte sombrio: quase 11 milhões delas morrem anualmente, vitimadas por doenças passíveis de cura. Mais de 500 milhões das crianças do mundo vivem com menos de 1 dólar por dia, 170 milhões sofrem de desnutrição e mais de 100 milhões não vão à escola.

Esses são dados do relatório Situação Mundial da Infância 2001, apresentado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF, que retrata a situação de crianças entre 0 e 6 anos, em 189 países.

Hoje, no Brasil, encontramos mais crianças estudando que há 10 anos, a poliomielite está erradicada, a vacinação alcança 96% de nossas meninas e meninos, a mortalidade infantil caiu de 47,8 para 36,1 mortos em cada mil crianças nascidas vivas. São resultados meritórios, não há dúvida. Temos de exibi-los como mais um avanço desejado para nosso País.

Mas esse avanço não nos deixa completamente satisfeitos. A sensação é de estarmos fazendo o dever de casa mínimo. Afinal, pesa muito termos 21 milhões de crianças vivendo na miséria, em famílias que recebem menos de meio salário mínimo. Queremos mais, sim. Principalmente se considerarmos que nossa economia está entre as dez primeiras do mundo. Uma economia do tamanho da brasileira não poderia apresentar uma taxa de mortalidade infantil próxima a 36 mortos por mil nascidos vivos. A Coreia do Sul, com renda per capita semelhante à do Brasil, apresenta índices de mortalidade infantil no patamar de 8 mortos em cada grupo de mil bebês nascidos vivos.

É preciso, sim, maior esforço governamental direcionado para tal fim. Mas é preciso que se multipliquem as ações da sociedade voltadas para o atendimento das crian-



ças. Digo isso pensando no trabalho que vem realizando uma de nossas organizações, das mais exemplares, a Pastoral da Criança.

Tendo nascido sob a vocação nata para a solidariedade da Doutora Zilda Arns Neumann, a Pastoral tem hoje os múltiplos braços de um polvo e as mãos de um gigante. Com sua ação, vem contribuindo para mudar a face da infância brasileira.

Criada em 1983, a entidade já atua em 3.277 dos 5.559 municípios brasileiros. São atendidas mensalmente 1 milhão e meio de crianças menores de 6 anos, mais de 1 milhão de famílias e mais de 76 mil gestantes. A rede de voluntários chega a 152 mil em todo o País.

A Pastoral não faz assistencialismo. Seus agentes simplesmente transmitem informações. Ocorre que essas informações fazem toda a diferença entre a vida e a morte.

Não é de admirar que onde os líderes da Pastoral atuam melhora significativamente a condição de vida das famílias atendidas. A taxa de mortalidade infantil chega a se reduzir

para um terço: cai para 11,7 por mil nascidos vivos, quando sabemos que a média brasileira está por volta de 36.

Dando ênfase ao aleitamento materno, que chega a cobrir mais de 80% das crianças assistidas pelas voluntárias, a desnutrição também se reduziu muito. Chegava a penalizar 26% das crianças no início do trabalho, e hoje reduziu-se a 8%, metade da média nacional. Outra ação importante que vem ganhando corpo é o combate à violência doméstica, que atinge milhares de mulheres e crianças todos os anos. A campanha A Paz Começa em Casa trouxe bons resultados para as famílias atendidas pelos líderes comunitários.

O incrível de tudo isso aparece quando sabemos o seu custo. A Pastoral gasta apenas meio dólar por criança atendida. Seus custos totais são equivalentes aos de um único hospital de porte médio. O Ministério da Saúde banca 70% dessas despesas monetárias. O binômio eficiência administrativa mais austeridade financeira faz do

trabalho da Doutora Zilda e de seu exército de colaboradores um modelo exemplar de garantia e preservação da saúde de nossas mães e suas crianças.

O Brasil não é um só. São muitos brasis dentro de um mesmo território. Temos padrões europeus e africanos coabitando lado a lado. Nossa cobertura de vacinação é igual à da Itália. O investimento em saúde e educação se iguala ao da Espanha. Não obstante, nosso índice de mortalidade é igual ao do Vietnã, a expectativa de vida é idêntica à do Marrocos, a distribuição de renda é semelhante à da Guatemala e o número de crianças que nascem abaixo do peso normal é igual ao de Gana, paupérrimo país da África.

Temos indicadores sociais assustadores. Sabemos que só a ação governamental não é capaz de reverter todos os índices para melhor. A sociedade tem de participar. As empresas têm de participar. As organizações têm de participar. Aos governos cabe sua parte. Mas é imprescindível a participação da comunidade na tarefa de melhorar a situação dos mais necessitados.

Há um dado destacado do relatório do Unicef que assusta: das 120 mil crianças que morrem antes de completar um ano de idade, 57 mil não vivem mais do que uma semana. Isso significa que a maioria dessas mães não fez exames pré-natais, uma medida básica de prevenção.

Estamos no Ano Internacional do Voluntariado, promovido pelas Nações Unidas com a participação de 123 países. O exemplo da solidariedade que nos traz o voluntariado da Pastoral da Criança é uma luz que pode guiar muitos brasileiros. A Doutora Zilda costuma dizer que só é plenamente feliz quem trabalha pela felicidade dos outros. Pois então. Muito poderemos encontrar: na dedicação ao outro, nossa própria felicidade.

\*Senador pelo PSDB-CE